

IV de Portugal. Enfatiza sua abdicação em favor de seu filho, o futuro Pedro II e antes, a sua renúncia ao trono de Portugal em favor da sua filha Maria da Glória, Maria II de Portugal, cuja causa defendeu pessoalmente, na luta contra seu próprio irmão Miguel, que tentou usurpar-lhe o poder. Os últimos capítulos abordam ainda: “A Monarquia Constitucional”, e “A República” abrangendo os acontecimentos desde o governo provisório até os nossos dias. Abordagens que, por sua atualidade, têm também mais interesse.

Poderíamos fazer algumas restrições à obra de Livermore. Uma delas seria a apresentação de ilustrações ao final do livro. Teria sido melhor se o autor as tivesse colocado no decorrer do assunto abordado, o que facilitaria a compreensão. Note-se também, que as legendas deveriam ser mais elucidativas como nos livros didáticos de Mallet-Isaac.

A bibliografia, apesar de bem feita, dividida por períodos, não apresenta distinção entre os períodos e obras de referência. Sobre o Brasil não há, por razões que se desconhece, obra nenhuma citada. Dada a estrutura do livro, ir-punha-se incluir, dentre outros — *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, e o *Esmeraldo de Situ Orbis*, de que existem traduções em outras línguas, inglês, espanhol, francês e principalmente o livro do Prof. Joaquim Barradas de Carvalho, editado em 1968, como um dos volumes da coleção da *Revista de História*.

Ainda devemos salientar a falta de um índice alfabético ao final do livro, poucas notas de rodapé e mais uma vez, a falta de legenda claras nos poucos mapas reproduzidos.

CAMILA FORJAZ CHRISTIANO DE SOUSA

* *
*

PARR (Charles McKew). — *The Voyages of David de Vries. Navigator and Adventurer whose writings reveal why the Dutch lost America to the English*. Thomas Y. Crowell Company. New York. 1969. 304 páginas e 24 ilustrações. US\$ 8.95.

A primeira metade do século XVII foi marcada por uma das maiores lutas da história quando a Inglaterra agressivamente tentava ganhar um império nas Américas à custa da Holanda. No centro desta luta, que o fim auxiliou a declinar a forma do mundo moderno, estava David De Vries, um extraordinário capitão holandês, mercador e aventureiro. Sua vida e fortuna, contada aqui vivamente por Charles McKew Parr, mostra o motivo dessa luta em termos dramáticos e proporciona um exame acurado das razões da aparente inabilidade dos holandeses em suportar a ameaça inglesa.

David De Vries, nascido em 1593 de família de marinheiros, pareceu desde o princípio destinado a uma vida de grandes aventuras. Com a idade de vinte e três anos foi capitão de seu primeiro navio, numa viagem aos locais holandeses de pesca de baleias perto do Círculo Ártico. Em 1618 navegou numa missão mercante no Mediterrâneo, onde experimentou o gosto de uma batalha, pela primeira vez, derrotando três galeras turcas. Durante a década de 1620, os empreendimentos de De Vries incluem a derrota de Solomon Reis, almirante holandês renegado que liderava piratas bérberes, serviço que executou tanto para os católicos como para os huguenotes, durante o conflito religioso que dividiu a França no reinado de Luís XIII; a sua carreira meteórica nas Índias Orientais Holandesas, onde serviu

como braço direito do Governador General Coen. Ainda que a súbita morte do governador precipitasse o fim das correrias de De Vries no Oriente, tentou executar muitas das reformas comerciais de Coen na Nova Holanda.

A primeira viagem de De Vries à América foi em 1632, quando tentou estabelecer um protetorado no Rio Delaware. Em seguida, durante 1630 e princípio de 1640, viajou longamente pelo Caribe e ao longo da costa oriental do que agora é os Estados Unidos, visitando os ingleses em Jamestown e os suecos no local onde hoje está Filadélfia, navegando pelo rio Hudson acima até às vizinhanças de Albany, e empreendendo uma missão diplomática na colônia inglesa de Hartford para o governo holandês de Fort Amsterdam.

Ao contar esta história extraordinária, Charles McKew Parr, usou sua própria tradução do *Diário de De Vries*, originalmente publicado em 1655 nos Países-Baixos. Até agora, apenas partes deste documento histórico foram publicadas na Inglaterra. É um documento significativo por ser rico em detalhes e observações perspicazes sobre a região e os habitantes do Novo Mundo. É a única narrativa, depois da de Henry Hudson, das viagens de um navegante holandês para a Nova Holanda no período da supremacia naval holandesa.

As *Viagens de David De Vries* é o terceiro volume de uma trilogia de Mr. Parr sobre a Idade dos Descobrimentos, no qual traça o nascimento do império português e a subsequente transferência do poder dos holandeses para os ingleses, através da narrativa da vida de três personalidades-chaves. Os dois primeiros livros da trilogia são *Fernando de Magalhães, Circumnavegador* e *Jan van Linschoten: o Marco Polo holandês*. Como De Vries, Charles McKew trabalhou diversos anos em comércio exportador e ao serviço governamental. Levou mais de cinco anos pesquisando a vida de David de Vries, a maior parte na Holanda, e viajando por onde ele navegou. Mr. Parr, estabeleceu sua residência em Chester, Connecticut, não longe do Rio Connecticut que De Vries navegou, e perto de onde, um dia, estavam os estabelecimentos da Casa da Esperança (agora Hartford) e das Colinas Vermelhas (agora New Haven) para as quais De Vries previu prosperidade.

O diário original foi publicado em 1655 por Symon Cornelisz em Alckmaer. O subtítulo estabelece que é uma pequena história de diversas viagens feitas por de Vries nas "quatro partes do mundo": Europa, África, Ásia e América.

É um pequeno volume de cento e noventa e duas páginas impressas e ilustrado por um retrato de De Vries e duas dezenas de mapas.

David De Vries voltou ao lar, pela última vez, em 1644, mas seu trabalho não foi publicado senão onze anos mais tarde. O diário e seu autor ficaram enterrados no esquecimento até que Velius referiu-se a eles brevemente em sua *Chronyk van Hoorn* em 1747 e, como também o fez Centen em sua *Historie van Enkhuizen* no mesmo ano. Hartsinck também citou-o em sua descrição da Guiana em 1770. O trabalho não foi ressuscitado até que historiadores norte-americanos, pesquisando em arquivos holandeses no século XIX, depararam com uma cópia há muito tempo enterrada e que desvendava muitas informações anteriormente desconhecidas com respeito à história pré-inglesa da Nova Holanda. Com as extraordinárias novidades do diário, os estudiosos americanos correram à Holanda para traduzir o trabalho para o inglês. Traduções parciais ou completas foram publicadas nos Estados Unidos por Brodhead e por H. C. Murphy em 1841 e 1853 e por J. F. Jameson em 1909. Agora temos a obra completa por Charles MacKew Parr, que merece ser lida.